

# DESATIVADA, CRECHE OESTE REVELA QUE NEM CRIANÇAS ESTÃO A SALVO DA REITORIA

Renata Iracema Maria  
Jornalista

Daniel Garcia



Ocupação Creche Aberta: chorinho e venda de refeições impedem o fechamento do local e animam a resistência

*A pretexto de que não desenvolve atividades-fim, mas exclusivamente atividades-meio, a Reitoria procedeu à absurda desativação da Creche Oeste da USP — em total desrespeito às crianças matriculadas, às famílias e aos funcionários — e à transferência dos alunos e pessoal para a Creche Central. Tal alegação reflete ou uma profunda ignorância da gestão M.A. Zago-V. Agopyan, ou deliberada má-fé, pois as Creches da USP são referência no tocante a pesquisas científicas voltadas à primeira infância. A Ocupação Creche Aberta resiste e mantém viva a unidade*

Uma semana antes do início das aulas em janeiro de 2017, famílias que se preparavam para o retorno ao cotidiano escolar receberam um comunicado da administração da Universidade de São Paulo, por e-mail, informando o fechamento da Creche Oeste, que atende filhos de alunos e de servidores da USP há mais de três décadas e era uma das duas unidades desse tipo em atividade na Cidade Universitária do Butantã. Funcionárias e funcionários que estavam de férias foram surpreendidos, às 13 horas do dia 16 de janeiro, com o informe de que um caminhão de mudança retiraria todos os móveis e equipamentos

do edifício a partir das 14 horas do mesmo dia, e que as crianças seriam transferidas para a Creche Central.

Tudo repentino, no melhor feito da gestão M.A. Zago-V. Agopyan. Tudo imposto, sem o menor respeito aos pais, às próprias crianças, ao corpo de funcionários. Naquele momento a Creche Oeste contava 41 crianças matriculadas, mas segundo levantamento da equipe teria capacidade para atender mais 37. A creche já não recebia novas matrículas desde 2015, salvo em caso de irmãos já matriculados — medida, dentre outras, que já sinalizava um desmonte.

A equipe era constituída por 39 funcionários, no total: diretora, psi-





Fotos: Daniel Garcia

Desativação da Creche Oeste tornou ociosos os amplos e acolhedores espaços e equipamentos destinados às crianças



cólogo, técnica administrativa, auxiliar de enfermagem, auxiliar de manutenção, zelador, técnica de nutrição, quatro cozinheiros, quatro auxiliares de serviços gerais e 24 educadores com jornada de 6 horas por dia (30 horas semanais) distribuídos entre manhã e tarde. Todos eles foram remanejados para a Creche Central, sem qualquer planejamento ou discussão anterior. No embate judicial que se seguiu, entre a Associação de Pais e Funcionários da Creche Oeste (APEF) e a Reitoria, a USP não conseguiu sequer explicar ao juiz do caso qual destinação pretende dar ao prédio desativado.

“A Reitoria da USP tem insistido em tratar os serviços realizados pelas creches (Central, Oeste, São Carlos, Saúde e ‘Carochinha’) como não sendo *atividades-fim*, mas sim exclusivamente *atividades-meio*; e, com isso, tenta isentar-se da responsabilidade por tais atividades essenciais. Contradição pura”, observou a Diretoria da Adusp, em nota emitida no dia seguinte ao comunicado da Superintendência de Assistência Social (SAS) da Reitoria aos pais dos alunos. “É revoltante seu completo desca-so para com as trabalhadoras e os trabalhadores da Creche-Pré-Escola Oeste e as famílias ali atendidas!”

Após citar texto que consta do portal digital da SAS, no item Divisão de Creches (que “tem, como um de seus objetivos, também oferecer campos de estágios e pesquisa, recebendo estudantes, mestrandos, doutorandos, que vêm conhecer o trabalho realizado nas creches, buscar informações e realizar coletas de dados para seus trabalhos”, etc.), a Diretoria da Adusp acrescentou:

“Portanto, como reconhecido pela própria Universidade, entre os objetivos das creches figura claramente o de oferecer e subsidiar relevantes atividades acadêmicas de estágio e pesquisa relacionadas à educação infantil. Tal fato certamente foi levado em conta pelo Conselho Universitário (Co) quando decidiu, por maioria, garantir a continuidade das creches, na contra-mão do desmonte pretendido pela Reitoria. Na reunião do Co que definiu as Diretrizes Orçamentárias de 2017, os conselheiros aprovaram como item 5 das Diretrizes Gerais: *Preencher as vagas ociosas no limite da capacidade das creches da USP*”.

A vocação das creches da USP para atividades acadêmicas e de pesquisa é exemplarmente demonstrada por Layara Vieira, 27 anos, professora da educação infantil na Prefeitura de São Paulo. Quando criança, na década de 1990, foi aluna da Creche Oeste. Depois de estudar na Escola de Aplicação, e cursar a graduação em Pedagogia na Faculdade de Educação (FE-USP), onde se formou (2010), fechou um ciclo

retornando à Creche Oeste, onde estagiou como educadora (2011) e fez a iniciação científica com trabalho de campo (2013). Hoje Layara integra o Grupo de Pesquisa em Sociologia da Infância (Gepsi-FE) e cursa o mestrado em Sociologia da Infância.

“Vinda de uma ‘escolinha’ tradicional para crianças, lembro-me do momento mágico que foi poder ficar descalça na areia, de como para mim

era difícil entender práticas como o banho de esguicho de mangueira, a emocionante autonomia de poder mexer na minha mochila! Os cheiros, os sabores sem açúcar, as brincadeiras, a serragem da composteira e o nosso teatro da Branca de Neve: a casinha construída com muito custo e caixas de leite, as falas da bruxa que paralisava todo mundo e que no fim ficou paralisada...”.

Fotos: Daniel Garcia



Professora Marie Claire Sekkel



Daniel Britto



Música, teatro, fabulação: respeito às crianças como protagonistas

Layara conta que aprendeu ali como é o exercício da democracia, recorda que havia um esforço democrático, com espaço para crítica e construção, não importando a posição de quem participasse. A parceria com educadores experientes foi parte de sua formação profissional. O que se vê hoje no seu trabalho como professora reflete o que aprendeu, no lidar pedagógico com a preciosidade que são as crianças. Inclusive ao aprender o olhar das crianças nos seus momentos da rotina, nas brincadeiras principalmente, e na percepção de sua humanidade.

“Para realizar minha pesquisa,

além da autorização do uso de imagem assinado pelos responsáveis, houve também a autorização pelas crianças. Como? Nada escondido”, relata sobre sua iniciação científica. “As crianças sabiam quando eu filmava, quando fotografava, e eu percebendo quando estava incomodando, ou quando devia dar-lhes novamente uma explicação compreensível do meu objetivo: entender suas brincadeiras. A partir disso elaborei a coprodução de dados no intuito de diminuir o constrangimento hierárquico, adultocêntrico, comum quando as crianças participam das pesquisas”, explica Layara.

“Pessoalmente tenho me preocupado com a memória da Creche Oeste, pois é uma memória viva e crescente. A creche aberta é memorial do esforço democrático que foi cultivado. As crianças removidas para a Creche Central precisam falar das suas vivências, os profissionais que por lá passaram precisam falar de suas vivências e trabalho, as crianças que foram da Creche Oeste e que agora estão na Escola de Aplicação precisam falar”, prossegue a pesquisadora. “O trabalho e a luta estão apenas começando, precisamos de fôlego, diversas frentes e vozes de resis-

tência. Resistência não apenas ao fechamento da Creche Oeste, mas ao descaso da Universidade e do Estado em relação à infância. Mia Couto, escritor moçambicano, diz que o importante não é a casa onde moramos, mas onde, em nós, a casa mora. Posso com certeza dizer que a Creche Oeste é a casa que sempre irá morar em mim”.

**“Sempre que alguém batia à porta procurando espaço para estagiar ou desenvolver alguma pesquisa, havia todo um cuidado para não invadir o mundo das crianças. Mas o atendimento a esse tipo de demanda era sempre prioridade, tanto trabalhos acadêmicos como visitas”**

Marie Claire Sekkel, professora do Instituto de Psicologia (IP) especializada em Psicologia Escolar, foi diretora da Creche Oeste por 13 anos. Conta que durante sua gestão foram realizados inúmeros trabalhos de pós-graduação, além de estágios curriculares em várias áreas. Lembra que o modo como os trabalhos eram realizados era amplamente discutido com as famílias e com as crianças.

“Sempre que alguém batia à porta procurando espaço para estagiar ou desenvolver alguma pesquisa havia todo um cuidado para não in-

vadir o mundo das crianças. Mas o atendimento a esse tipo de demanda era sempre prioridade, tanto trabalhos acadêmicos como visitas. Nós entendíamos que nossa creche, sendo referência em educação infantil, devia dialogar com outras iniciativas, das nossas redes municipal e estadual, e mesmo de outras origens”, afirma Sekkel.

Em entrevista concedida na Creche Central, para onde foi remanejada após o fechamento da Creche Oeste, a educadora Marlene Figueiredo, a Nani, deplora o descaso da Reitoria com o trabalho realizado nas creches, e com toda a comunidade da USP: “Não acredito na falta de sabedoria da administração ao propor o fim dessas atividades”. Durante a manifestação realizada em 7 de março contra a aprovação dos “Parâmetros de Sustentabilidade”, Nani foi agredida e presa quando registrava em vídeo a ação truculenta da Polícia Militar contra os manifestantes. A educadora foi mantida algemada em dependências da Reitoria (vide p.112).

Nani tem uma trajetória extensa na USP, como aluna de História (graduada em 2000) e posteriormente como funcionária. Atuava como educadora na Prefeitura de São Paulo quando ingressou por concurso, em 2005, na Coordenadoria Executiva de Cooperação Universitária e de Atividades Especiais (Cecae), órgão de apoio às unidades, cursos e serviços de extensão universitária. Uma das atribuições da Cecae era o programa “Avizinhar”, que buscava uma convivência mais harmoniosa e respeitosa entre a USP e a população de bai-



xa renda que vive no entorno da Cidade Universitária do Butantã. Criado em 1998, o programa foi extinto em 2006, na gestão da reitora Suely Vilela.

No ano em que atuou no “Avizinhar”, Nani pôde estabelecer diálogo e assistência a crianças e adolescentes em situação de risco, menores que praticaram furtos e outros delitos dentro do *campus*, acompanhando-os em visitas, atividades e audiências judiciais. O programa tinha como eixo a educação em meio aberto: atividades educativas, acompanhamento familiar,



Transferida da Creche Oeste, educadora Nani Figueiredo agora atua na Creche Central

escolar e comunitário, exemplo de trabalho interdisciplinar de extensão universitária.

Em 2006, com o fim do programa, foi para a Creche Oeste, onde se deparou com uma realidade sonhada, mas jamais experimentada em outros ambientes educacionais. Impressionou-se com a fartura de materiais, instalações adequadas para receber as crianças, a postura dos educadores. “São creches que têm pensado a infância de maneira diferente, as crianças como protagonistas, categoria social de direitos, pessoas que produzem conheci-

mento, cultura, agentes históricos, que podem sim colocar opiniões, questionar, produzir, porque também constroem o mundo”.

A educação infantil, reforça Nani, não se atém apenas aos cuidados de higiene, alimentação e manutenção da integridade física. Na Creche Oeste ela viveu a experiência de encarar as crianças como sujeitos potentes, e assim compartilhar saberes entre todos que convivem no ambiente escolar. Além disso, a creche é um espaço aberto para as famílias e para a comunidade, de portas abertas para que educadores

de outras escolas possam contar suas práticas e entrar em contato com as ali experimentadas.

Tratando-se de uma das maiores universidades do mundo, a seu ver a USP poderia ser referência em educação infantil, já que projetos desenvolvidos foram ganhadores de prêmios como Educador Nota 10 e Arte na Escola, contribuindo com a elaboração de material pedagógico para a primeira infância, que até agora conta com poucas obras publicadas no país.

Nani acredita que, mesmo com o quadro de funcionários incom-

pleto, a Creche Oeste poderia receber 110 crianças. Interditada, as crianças foram encaminhadas para a Creche Central. A unificação das duas unidades encaminhada pela Reitoria não leva em conta as suas diferenças e particularidades institucionais, o que causa conflitos, sem mencionar a violência que foi usurpar um espaço cheio de significados, como era a Creche Oeste para funcionários e crianças. Estas saíram de lá para o recesso de fim de ano com fortes perspectivas de retorno, deixando inclusive perences pessoais, e não puderam retornar.

Foi algo extremamente conturbado também para Creche Central, que teve suas turmas e espaços remanejados, sem o devido cuidado. Com tal medida a Reitoria também passou por cima da decisão do Conselho Universitário (citada na nota da Diretoria da Adusp), que, na reunião de 8 de novembro de 2016, decidiu pelo preenchimento das vagas ociosas, mais de 60.

## **No último round da disputa judicial, ao final de uma audiência de conciliação determinada pelo TJ-SP, o juiz decidiu manter suspenso o pedido de reintegração de posse do local, diante dos argumentos vazios dos representantes do reitor**

Em 2015, quando as creches deixaram de receber novas crianças, criou-se uma rede de pais, funcionários e apoiadores em torno da ameaça de fechamento das unidades, e estão lutando desde então. Por meio dessa rede souberam do caminhão mandado pela Reitoria para desocupar o prédio da Creche Oeste, sem aviso oficial aos pais e educadores. Quem conta é Isa, mãe de duas crianças que frequentaram as creches da USP, e que se juntou à Ocupação Creche Aberta, movimento deflagrado pela APEF contra a desativação da unidade, com amplo apoio de estudantes de graduação, do Sindicato dos Trabalhadores (Sintusp) e da Adusp.

Daniel Brito, quartanista de Letras, participa do movimento estudantil desde que entrou na Universidade. Pai de um garoto de 7 anos, veio para a Ocupação no dia 20 de janeiro. Cozinheiro, diz ter ficado maravilhado diante das possibilidades de geração de recursos que se abriam com a cozinha da Creche Oeste, para manutenção da Ocupação. “Para um cozinheiro, tomar uma cozinha dessas é como tomar os meios de produção”, diz Daniel com um sorriso largo. Graças aos almoços oferecidos às quintas-feiras e a “pizzas” esporádicas, a Ocupação levantou R\$ 12 mil, dinheiro suficiente para pagar os custos dos embates jurídicos com a Reitoria, a compra de material de limpeza, alimentação e higiene pessoal dos ocupantes.

No último round da disputa judicial, em 20 de abril, ao final de audiência de conciliação determinada pelo Tribunal de Justiça (TJ-SP), o juiz Danilo Mansano Barioni, da 1ª Vara de Fazenda Pública, decidiu

manter suspenso o pedido da Reitoria de reintegração de posse do local, diante dos argumentos vazios dos representantes do reitor. Ele entendeu que as instalações estavam em melhores mãos com os ocupantes do que com a administração. Para o juiz, registrou o *Informativo Adusp* 435, “ficou claro que não há qualquer planejamento relacionado ao destino do imóvel” e “em simples resumo, a autora [a USP] não tem o que fazer com o imóvel, ou ao menos isto não comprovou”.

Em 21 de março, o juiz Kenichi Koyama, da 11ª Vara de Fazenda Pública, havia concedido liminar em mandado de segurança em favor da APEF. Koyama aceitou o pedido de reabertura da creche: “Suspendo imediatamente a decisão administrativa que determinou a incorporação da Creche Oeste à Creche Central. Caso já tenha sido efetivada, determino que seja reaberta e volte a funcionar tal e qual antes”. A Reitoria ignorou a ordem judicial e, no início de abril, a liminar foi derrubada por um desembargador do TJ-SP.

Como as crianças acompanham esse conflito? “Interessante o imaginário delas: defendem muito a Creche Oeste, os adultos sempre colocavam tudo o que estava acontecendo, as crianças são muito ativas nisto, não estão só acompanhando, são formadores de opinião na Creche Central, porque eles conversam sobre a situação com os amigos que não estão na Creche Oeste, está sendo muito interessante”, avalia Isa. “Esse reitor deve estar doente do coração”, concluiu um menino em vídeocarta, sábia afirmação frente a tamanha desonestidade.